

São Verdes, Senhor, São Verdes

Ficção Política

Luís Avelino Relógio

São Verdes, Senhor, São Verdes

Ficção Política

Luís Avelino Relógio

This book is for sale at <http://leanpub.com/FicPol-SaoVerdes>

This version was published on 2013-05-22



This is a [Leanpub](#) book. Leanpub empowers authors and publishers with the Lean Publishing process. [Lean Publishing](#) is the act of publishing an in-progress ebook using lightweight tools and many iterations to get reader feedback, pivot until you have the right book and build traction once you do.

©2013 Luís Avelino Relógio

Tweet This Book!

Please help Luís Avelino Relógio by spreading the word about this book on [Twitter](#)!

The suggested tweet for this book is:

Acabo de comprar "Ficção Política - São Verdes, Senhor, São Verdes" no Leanpub.com

Find out what other people are saying about the book by clicking on this link to search for this hashtag on Twitter:

<https://twitter.com/search/#>

Conteúdo

Sinopse	1
Capítulo 1	3

Sinopse

Título Ficção Política - São Verdes, Senhor, São Verdes

São Verdes O desprezo fingido pelo que não se pode ter.

Nesta história

1. A namorada do João, pelo outro.
2. Um objetivo parcialmente desconhecido do Marialva, pelo adversário misterioso.
3. A razão para o crime desvendado.

livro FicPol-SaoVerdes

Contexto sinopse

João Santos encontra um cadáver. O telemóvel não funciona, gastou todo o saldo a ligar à namorada/está descarregado. Liga do apartamento do Marialva que está de férias.

Marialva aconselha-o a ficar, não pode, deixa contacto. Marialva segue para o local e mantém-no isolado de outros passantes até chegar a polícia. Ligeiro conflito com o agente inicial. Dá-se melhor com o inspetor.

O João é interrogado pelo inspetor. A namorada assiste. Pequeno conflito que a faz sair com o outro. João deteta o interesse dela e decide saber mais sobre o morto.

Inspetor descobre que havia mais uma pessoa na casa da praia. Marialva recusa identificá-la. Não ficamos a saber porquê.

Contexto def: personagem

Ficha do João Santos

Descrição Jovem adulto

Apaixonado

Participação Descobre o primeiro cadáver.

Ajuda num ponto qualquer e ganha o mérito final com a rapariga.

Ocupação Escritório de uma companhia de pesca.

Ficha do Manel Cordaleiro

Conhece bem a praia.

Ficha da Mariana

Paixão do João Santos.

Ficha do Carlos

O outro na corrida para a atenção da Mariana.

Ficha do Marialva

Participação no São Verdes Está deslocado de casa, aparentemente de férias

É suspeito de envolvimento

Ajuda a desvendar o mistério

Ficamos sem saber o que estava lá a fazer? É parte do tema, claro.

Capítulo 1

I

São horas, pensou, tenho mesmo de ir trabalhar.

João Santos está apaixonado. Está na praia a olhar para o mar, para o céu, a fazer tempo. Suspira e vira-se para terra. O vento seca-lhe as lágrimas que nem sabia ter chorado. Pisca os olhos.

Estranha a gaivota em terra, não está mau tempo e esta está pousada num tronco. Há mais algumas a voar perto daquela. Quase ignora a cena mas o carreiro passa ali ao pé e a gaivota parece estar a olhar para qualquer coisa no chão.

Há ali alguém deitado, corre para ver se pode ajudar. Não pode, pelo menos não quem lá está. Tenta encontrar pulso, mas o gelado do corpo é a maior certeza de que não há nada a fazer. O homem está coberto de areia, parece ter sido rebolado para ali.

Tenho de telefonar para a polícia. Sabe que tem o telemóvel com pouco saldo, mesmo assim pega nele. Mas este nem liga, nem sequer o deixou a carregar. Procura outra pessoa, não vê ninguém. Hesita em deixar o corpo abandonado mas finalmente alguma razão começa a entrar naquela cabeça, já assim estava antes. Sobe a praia. Há umas casas à vista, segue para lá.

Marialva está sentado na varanda exterior da casa de praia. O café fresco sabe mesmo bem aquela hora. O rapaz é apenas um pormenor da paisagem, até que nota a sua agitação. Levanta-se para se tornar mais notado, forma discreta de oferecer ajuda se esta for requerida. É. Quando o vê João dirige-se logo para lá.

— Telefone? Tem telefone? — pergunta ainda de longe.

Marialva lança a vista pela praia, agora com diferentes olhos. O rapaz está sozinho e não parece representar uma ameaça. Claro que tem telefone e a casa também.

— Está um homén na praia, tenho de chamar a polícia.

— Vivo? Precisa de ajuda? — O Marialva coloca as questões em parte para obter as respostas, em parte para avaliar a atitude do estranho.

— Não sei, está muito frio.

— Frio? O corpo?

— Muito frio. Não, não acho que esteja vivo.

O João perdeu toda a urgência. A mudança de atitude dá ao marialva alguma confiança na seriedade da rapaz. Outras questões se levantam agora.

— Onde?

João aponta para o lugar. Não se vê a praia daqui.

— As gaivotas. Foi o que vi primeiro — assinala.

Marialva avalia a distância.

— Entra.

Aponta-lhe o telefone na parede.

— Liga o 112. Diz o que encontraste e responde às perguntas que te fizerem.

Fecha a porta e entra de mansinho no quarto. Calça-se e veste um casaco sem acender a luz. Mete no bolso o telemóvel.

O João ainda está ao telefone, aparentemente à espera de qualquer coisa. Perante a muda pergunta do Marialva explica:

— Mandaram-me esperar.

— Podes esperar? Isto vai levar algum tempo.

— Tenho de ir trabalhar.

Nas dunas começa a haver algum movimento. Marialva não sabe ainda com o que deve contar. O telefonema foi feito da casa, portanto está envolvido. Mais vale saber no quê. Apesar de já não considerar o rapaz uma ameaça não o quer deixar dentro de casa. Também não há como evitar que este seja identificado.

— Diz-lhes que vais para o pé do corpo...

— Mandaram-me esperar...

Tira-lhe o telefone da mão. — Fala Soares Marialva, estou a falar do — lê a identificação do apartamento da ficha do aluguer — não sei se a vítima está viva ou morta vamos lá ver. Pode ligar-me para — dá-lhes o número do móvel e desliga.

Põe o rapaz na rua e fecha a porta com cuidado.

— Vamos lá ver o que temos. Marialva, já sabes — estende-lhe a mão.

— João.

— Convinha esperares.

— Vou chegar atrasado. Não posso chegar atrasado.

O João começa a ficar agitado outra vez. Insistir com ele não adianta nada. É pouco provável que o homem ainda esteja vivo mas Marialva sente que tem de lá ir ver.

— Podes ser contactado lá?

— Posso.

Marialva estranha o repentino alívio mas é um progresso. Num instante arranca-lhe a história, não que haja muita. Fica com o contacto e manda-o embora.

Não seria grave para o João chegar com algum atraso, polícia envolvida e isso tudo. Mas chegar atrasado implica sair mais tarde e, para um miúdo apaixonado, o encontro que talvez consiga confirmar é a coisa mais importante que há.

O telemóvel do Marialva toca. É da polícia a confirmar o contacto que deixou no 112. O operador tem pronúncia local e um tom de censura na voz. Marialva ignora o tom do polícia e diz-lhe que lhe liga quando estiver ao pé do corpo. Pergunta-lhe se pode enviar um SMS para o número de onde está a ligar. O número também é local, provavelmente da esquadra. O polícia não sabe, manda-o saber.

Que o homem está morto não restam dúvidas ao primeiro olhar. Por isso o Marialva nem se aproxima. Só há uma série de pegadas humanas, presume serem as do João, uma chatice. Há mais pegadas, das gaivotas e de outros pássaros. O corpo está um bocado batido.

Marialva envia um SMS com as coordenadas do local para o número da esquadra. Não dá erro. Liga para lá e diz-lhe isso. Parece que a informação não é útil, o polícia, outro, quer saber o nome da praia. Claro

que o Marialva não faz ideia de como se chama a praia, consegue fazer-se entender dando, mais uma vez, a morada da casa de aluguer.

Quando a polícia chega já há uma data de gente à volta do local. A afirmação do Marialva de que não havia mais pegadas úteis é encarada com suspeita. O facto de não ter uma dúzia de documentos com fotografia no bolso do pijama também é grave, pelos vistos. Um certificado de registo criminal também daria jeito, de preferência um que permitisse ao chateado graduado prendê-lo já. Em vez disso tem de ficar a vigiar o corpo enquanto o Marialva volta para a casa da praia. Igualmente chateado.

II

A Judiciária chega quase à hora de almoço. A mínima sugestão de que a cena do crime possa ter sido comprometida despoleta a acusação de ter sido o Marialva. O graduado quase arrasta os Judites para a casa da praia. Oferece-se para o “ir buscar” quando estes demonstram maior vontade de ficar a observar o corpo.

Mas estes só dali saem depois de conseguirem arrancar do médico uma previsão da hora da morte. De que é um crime não há dúvidas, ao ser rodado tornam-se evidentes os quatro buracos de bala nas costas.

Na casa da praia está uma nota a assinalar que o inquilino foi almoçar à vila. Para especial birra dos locais os Judites preferem bater a todas as outras portas para saber se alguma está ocupada. Ninguém atende. Na vila a agência indica apenas dois alugueres, um em nome do Marialva, outro de alguém que só é suposto chegar à tarde.

Por fim telefonam para o móvel do Marialva e vão ter com ele ao restaurante onde está a acabar de almoçar.

— Inspetor Trindade. Este é o Agente Cardoso. Creio que já conhece o Sargento Cordeiro.

— Soares Marialva. Querem fazer o favor de se sentarem?

— Foi o Senhor Marialva quem encontrou o corpo?

Marialva sorri. É mais do que óbvio que o inspetor sabe que não foi. Quer ver se ele se torna defensivo.

— A chamada para o 112 foi feita de minha casa.

— Mas não por si.

— Não. Pelo rapaz que encontrou o corpo.

— E esse rapaz é seu conhecido?

— Não conheço praticamente ninguém por estes lados. Apareceu-me à porta a perguntar se tinha um telefone. Usou-o e como estava com pressa foi-se embora. Creio que poderão falar com ele logo que sintam necessidade.

— Pareceu-lhe agitado, esse rapaz?

— Um bocado, sim.

— Agitado como quem acaba de confrontar alguém?

— Agitado como quem está numa situação fora da sua zona de conforto. Com franqueza creio que tinha mais em que pensar do que em corpos numa praia.

— Não está com muita vontade de colaborar pois não? — Pergunta, agressivo, o Agente Cardoso. Polícia mau, polícia bom, versão de conversa num local público.

— Consigo um pouco menos do que com o Inspetor. Mas podemos resolver isso.

— Podemos resolver ter esta conversa na esquadra.

Marialva deixa passar algum tempo antes de responder.

— Também podemos não ter esta conversa. — comenta com suavidade, como se não estivesse a falar com ninguém.

— Onde podemos encontrar o rapaz que encontrou o corpo? — Inquire o Inspetor como se a troca de galhardetes não tivesse acontecido.

— Disse-me que estava a trabalhar num escritório qualquer. Devo ter para aí o contacto que me deu.

Mais uma vez o Marialva cria um lapso. Bebe o café e chama a empregada, pede a conta.

— A chamada foi desligada e a identificação deixada foi a sua.

O Sargento abre um esboço de sorriso na cara artificialmente séria. Vão finalmente por este gajo na ordem, pensa.

— Na altura não havia ninguém na praia de onde o rapaz tinha vindo. Tinham-no mandado esperar, o que poderia fazer sentido se houvesse muita gente e fixar esse contacto fosse útil. Mas com uma praia vazia e um homem que poderia estar vivo ou morto, ficar à espera não me pareceu a melhor alternativa. Deixei-lhes um contacto móvel para que este pudesse ser estabelecido onde a informação poderia, talvez, ser completada.

— Contrariou uma ordem da polícia — acusa o Agente num tom que fica entre uma pergunta e uma acusação.

— Tomei uma decisão em função da informação disponível. Tinha mais informação do que o operador do 112.

— Tem como hábito contrariar as ordens da polícia? — insiste.

— Tento não passar um dia sem pelo menos uma. — ironiza.

A conta chega num instante pois a criada não quer estar longe da conversa e perder o que se possa estar a passar. Marialva tira a carteira para pagar a conta e aproveita para entregar ao Inspetor a nota que fez do contacto do rapaz.

— Ele não precisa de um terceiro grau. Basicamente não sabe mais do que vocês já sabem agora.

Levanta-se.

O Inspetor levanta-se com ele e despedem-se com cortesia. O Sargento fica um bocado desorientado. O Agente impenetrável.

III

O Inspetor volta a sentar-se.

— Conhece um João Santos? — pergunta ao Sargento, passando-lhe o papel rascunhado pelo Marialva.

— Um bom rapaz, não se mete em alhadas.

O João e o Sargento são da terra. A vítima e o gajo que não respeita a polícia são de fora. Os Judites também são de fora, de repente passam a ser o inimigo. Mas rapidamente a disciplina retorna. Confere as indicações fornecidas, confirma que batem certas.

— Temos de falar com o rapaz hoje. Se estiver envolvido precisamos dele, se não, fica mais sossegado. — O Inspetor não acredita que esteja, não joga. — Vamos dar uma vista de olhos à casa da praia e depois vamos falar com o rapaz.

— Quem é que conhece bem esta praia? — pergunta ainda ao Sargento.

— Há pescadores à linha. Há banhistas mas mais de verão. — Pensa um bocado enquanto se levantam. — O Manel Cordaleiro conhece bem a praia. — Oferece finalmente.

— Precisamos de falar com ele.

O funcionário da agência de aluguer abre-lhes a porta sem reservas. Três polícias e a curiosidade são muito mais importantes do que qualquer noção de privacidade. Vai pensando numa desculpa, conferir as toalhas talvez... Mas nem o deixam entrar.

A cama está feita e só há bagagem de uma pessoa, mas para os experientes Judites dormiram ali duas.

Na mesa material de escrita e um computador bloqueado. Deixam ficar tudo na mesma.

IV

O João não conseguiu fazer grande coisa hoje. Depois de ter contado o que tinha visto, toda a gente passa por lá com mais uma pergunta. Pelo menos isso vai-o mantendo distraído. Quando dá por isso são quase horas de sair e ainda não contou nada à Mariana. Manda-lhe um SMS. A novidade é suficiente para que ela responda logo. Quando a polícia chega ainda estão naquilo.

Pior que tudo, quando ela aparece à porta do edifício ele está ocupado com os chuis. O Carlos, não está ocupado e fica à conversa com ela. Aliás toda a gente que sai ou entra a mira ou mete conversa. Pelo menos é o que lhe parece. Mais nervoso agora provoca uma atitude mais agressiva do Agente e mesmo uma maior pressão do Sargento que embora não o queira como culpado não gosta de sentir a “falta de respeito”. O escalar da situação faz com que fique quase às lágrimas e tem de se virar para que a Madalena não o veja assim. Quando se consegue livrar deles ela foi-se embora.

Os polícias vão falar com o tal Manel Cordaleiro. Foi levado para a praia onde a Polícia Científica está a arrumar a tralha.

Os “CSI” dão mais alguns pormenores. O corpo foi ali deixado mas não foi ali baleado. Não apanhou mar, mas vento suficiente para eliminar pegadas mesmo pesadas. Talvez a meio da noite. A morte terá acontecido ao fim da tarde de ontem, antes disso terá levado uma boa carga de poprrada. Balas de pequeno calibre, estão lá dentro. Não sabemos ainda quem é.

O Manel é um homem de fala lenta. De acordo com o Sargento não se dá bem com a polícia, alguma vagabundagem, mas não causa problemas graves.

O Inspetor começa por lhe pedir que lhe mostre onde é a linha máxima da maré e faz sinal para não serem seguidos.

Encorajado pela maior agressividade do Agente o Sargento tenta tirar deste um quadro do que é que o espera.

— Este vai ser uma carga de trabalhos. — suspira — Não parece ser crime local, a menos que tenha havido outros parecidos. Pode nem ter sido cometido aqui, mas... Este ponto é longe da estrada, se fosse só para deixar o corpo teria ficado mais perto desta ou mais perto da água, ou enterrado. Dava jeito saber por onde andou.

— O Tal de Marialva mora aqui ao pé...

— E falta uma pessoa na casa.

— Falta uma pessoa? — entusiasma-se o Sargento — Pode... Como é que sabe que falta uma pessoa?

— Ambas as almofadas foram usadas mas de forma diferente; as tolhas usadas também foram arrumadas de forma diferente; a loiça do pequeno almoço é demais para uma pessoa. Mas não é o nosso cadáver quem lá dormiu, quase de certeza que foi uma mulher.

O Sargento fica um bocado chateado por estar a ser classificado como cego.

— Porque é que o Inspetor está a ser tão manso com o Marialva? Até o nome é uma falta de respeito.

— Quando se fazem demasiadas perguntas a quem esteja disposto a responder só ao que quer, estamos a dar-lhe mais informação do que a que recebemos. Por isso nós só perguntamos o que queremos saber. E aqui estamos em desvantagem porque nós queremos saber tudo e ninguém deixa de ter alguma coisa que não nos quer dizer.

— Podemos usar a presença de uma pessoa desconhecida como fator de pressão, pelo menos como falta de vontade de colaborar numa investigação criminal. Devemos usar essa pressão quando for mais útil. O senhor Soares Marialva pode ser uma boa ajuda ou uma enorme perda de tempo. — continua.

— Mas você apertou com ele e o Inspetor não.

— Eu aperto com eles para o Inspetor não ter de o fazer. Para já não vale a pena, ele parece estar disposto a fazer-nos perder tempo. Ainda não sei se estará disposto a ajudar a sério, para já tem-no feito.

— Ajudado?

— Manteve as pessoas afastadas até vocês chegarem, nem ele tocou no corpo; tomou nota do nome, local de trabalho e forma de contacto do senhor João Santos; voluntariou o seu próprio contacto, para além de ter deixado fazer a chamada ao 112. Se há algo de estranho é o facto de estar a ajudar de mais para quem, como você de facto notou, não gosta de polícias.

— Não nos disse que estava acompanhado.

— Não. Pelo contrário pôs o rapaz na rua num ápice e limpou a casa antes de lá poderemos ir. Claro que vamos ter de saber porquê e quanto mais cedo melhor.

— Como?

— Onde é que ele jantou, quando e como cá chegou, quem é que o terá visto e com quem. O senhor Inspetor está a chamar-nos.

V

— De acordo com o senhor Manuel Cordaleiro o corpo veio do pé das casas de aluguer. Vamos pedir à PC que dê uma vista de olhos ao sítio onde acaba a estrada. — O Inspetor hesita um momento. — Vamos também pedir-lhes que analisem a área à volta das próprias casas.

— Pedimos ao Marialva para ver a casa dele? — sugere o Agente.

O Sargento não consegue conter-se — Mas já a vimos.

Os dois Judites quase o ignoram e ele aprecede-se que interrompeu, indelicadamente, um diálogo a que não pertence.

— O que vimos com a porta aberta pelo empregado da agência não pode constar da investigação se esta chegar a tribunal. Para isso precisamos da autorização dele, de uma ordem de tribunal ou de uma razão

particularmente urgente para lá entrar. Pedir-lhe a autorização implica reconhecer que queremos usar o que lá encontrarmos numa acusação contra ele. Não o fazer, pela segunda vez e com a científica à porta, quase garantirá a recusa de um juiz em passar um mandato. — O Agente dá a explicação devagar, dando tempo ao Inspetor para pensar no assunto.

— Lige você António, é quase garantido que lhe dirá que não. Se a científica nos indicar a necessidade falo com ele. Não é preciso ser muito insistente.

— Pelo sim pelo não veja quem é que está de plantão na procuradoria. — acrescenta.

Não está convencido mas é demasiado profissional para deixar trabalho por fazer.

— Sargento, precisamos de ver, com os vossos homens, quem é que tem cá estado de novo nos últimos dias, particularmente ontem. Vamos também precisar de procurar quem tenha visto o falecido. Idealmente saber quem é.

O Sargento afasta-e para dirigir as tropas.

— Somos capazes de precisar de mais gente. — murmura o Inspetor.

António Mateus Cardoso, agente da PJ é um polícia dedicado mas não fanático. Desde há algum tempo que trabalha com o inspetor Jordão Trindade, mas não são uma equipa fixa. O Jordão veio da PSP com uma porrada de louvores e um canudo em Direito com uma nota anormalmente alta. Muitos são os que lhe recohecem o mérito que tem continuado a demonstrar mas a subida rápida tem pisado alguns calos. Ele próprio tem mais alguns anos de PJ e de idade, mas não tem o canudo nem vontade de o ir tirar. Tem vindo a ganhar respeito pelo outro que não o trata como subordinado mas não deixa de assumir a autoridade do posto mais elevado.

Complementam-se bem, ao contrário de outros inspetores em cujas equipas tem participado. Mesmo o seu formador inicial tinha acabado por o tentar formatar demasiado à imagem dele. Bom mas lento era fácil de imitar. Este é claramente diferente pelo que podem cobrir diferentes aspetos do trabalho. O António sente mais espaço.

— Ainda não temos muita gente para entrevistar. E como todos falam uns com os outros podemos fazer a maior parte das perguntas em público ou passá-las aos uniformes. — Também o António está a pensar alto.

— Tens razão. Não conseguiria justificar mais gente aqui, não racionalmente.

Passam o resto da tarde a falar percorrer espaços públicos, a seguir as poucas pistas que os locais lhes apontam, a tentar perceber a mecânica social da vila.

VI

— Não podemos ter aqui um crime por resolver. Estamos a preparar a época balnear e esta é uma região segura, sem roubos nem outros problemas desses. É gente de fora, tem de ser gente de fora, alguém que terá cometido o crimem noutro lado qualquer. Vocês precisam de ver bem de onde é que esta trapalhada veio e ir lá resolver o problema.

O Presidente da Câmara tem um invejável fôlego e uma ainda maior capacidade de redesenhar os problemas a uma luz particularmente adequada ao quadro que quer pintar. Seja este o do município, seja o da sua campanha, seja, pelos vistos, o da redefinição de crimes.

Os polícias ouvem-no polidamente.